CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O INDIELISBOA – SARAH MALDOROR, A POESIA DA IMAGEM RESISTENTE
3 de Setembro de 2021

UN DÉSSERT POUR CONSTANCE /1981

Um filme de Sarah Maldoror

Realização: Sarah Maldoror / Argumento: Maurice Pons, baseado num romance de Daniel Boulanger / Direcção de Fotografia: Pierre Bouchacourt / Música: Jean-Claude Yegba / Interpretação: Sidi Bakaba (Bokolo), Cheikh Doukhouré (Mamadu), Elias Sheriff (Bono), Jean Bouise (M. Broccart), Bernard Haller (Cyril Saint-Cyril), Albert Delpy, etc.

Cópia digital, colorida, falada em francês com legendagem electrónica em português / Duração: 61 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

SCALA MILAN A.C. / 2003

Um filme de Sarah Maldoror

Realização: Sarah Maldoror / Com Archie Shepp

Cópia digital, colorida, falada em francês com legendagem electrónica em português / Duração: 17 minutos / Inédito comercialmente em Portugal

****

Dois telefilmes de Sarah Maldoror, separados por mais de vinte anos (**Scala Milan A.C.** foi um dos seus últimos trabalhos) mas com vários pontos em comum, nomeadamente a preocupação em retratar, com um humor às vezes cortante (sobretudo no primeiro filme) que não impede uma leveza bastante calorosa (sobretudo no segundo filme) no olhar sobre as personagens.

De certa forma, em questão está também, em ambos os casos, as "miragens", os sonhos pré-fabricados, a ilusão dum sucesso ao alcance da mão, que a sociedade de consumo, ou a sociedade do espectáculo, através da televisão, põem à frente das pessoas. No primeiro filme, **Un Déssert pour Constance**, o papel da televisão é explícito e fundamental. Um grupo de cantoneiros parisienses, todos de origem africana (sem que a origem precisa, salvo erro, seja alguma vez mencionada), precisam de arranjar uma maneira de comprar um bilhete de avião para um amigo que está doente e não quer morrer em Paris, mas ir morrer ao seu país natal. Recorrendo a um velho e "clássico" livro de receitas culinárias que encontram por acaso, os amigos praticam as artes da cozinha e dispõem-se a participar num concurso televisivo – uma espécie de antepassado dos Masterchefs da actualidade – cujo prémio chega e sobra para comprar o bilhete. Com este princípio narrativo, extraído a um romance de Daniel Boulanger, Maldoror parte para uma observação das "relações culturais" entre os imigrados africanos e os ambientes europeus em que vivem, que tanto está na própria cozinha (o livro de receitas, como é evidente, é totalmente "europeu") como nas interacções com os franceses brancos e os seus preconceitos. Maldoror conduz tudo para o lado

do gag, e mesmo o seu olhar sobre o preconceito vem matizado, quase condescendente, porque corresponde ao olhar dos imigrados africanos, que profundamente convictos dos valores da sua própria cultura são eles os primeiros a reservar à "cultura dos brancos" uma condescendência (a forma como comentam o racismo constitutivo, e praticamente inconsciente, dessa cultura, é um bom sinal disso) que lhes permite desmontar e superar todos os clichés. Ao mesmo tempo, o retrato comunitário, com todo o seu caos profundamente humano, é realmente caloroso, configurando uma existência "à margem" mas, de algum modo, auto-subsistente, uma espécie de clandestinidade que aprendeu a encontar os recursos e os expedientes de que necessita – e o expediente do concurso de tv é só, digamos, o mais evidente.

Em **Scala Milan A.C**. pontifica o célebre saxofonista americano Archie Shepp, que há muitas décadas mantém com a França e a cidade de Paris uma relação de grande proximidade (é lá que está a sede da editora discográfica que fundou, ainda hoje passa boa parte da sua vida na capital francesa, e o seu domínio da língua francesa, como se vê no filme, é perfeito). O encontro inicial de Shepp com um grupo de miúdos africanos num jardim parisiense equivale ao encontro de um grupo de jovens atenienses da Grécia antiga com alguém como Sócrates: através dele vão chegar por si próprios à constatação da importância de um valor fundamental da vida civil, o trabalho. O trabalho da música, o encontro entre o "jazz" e o "rap", com Shepp a servir de mentor. A espécie de lição moral sobre a importância do trabalho e do conhecimento não é incompatível com um aproveitamento do que a sociedade do espectáculo tem para oferecer, e graças ao "rap" concebido com a tutela de Shepp os amigos ganham uma viagem a Milão. A Milão da ópera (o Scala) e a Milão do futebol (o A.C.) competem então pela atenção dos miúdos, que nunca estão mais entusiasmado do que quando visitam a loja do clube milanês e contemplam as camisolas dos craques que conhecem da televisão (é preciso dizer que Maldoror talvez não tenha escolhido o AC Milan por acaso: era lá que jogava o liberiano George Weah, um dos mais destacados futebolistas africanos dos anos 1990, e voz activa, também politicamente, na defesa dos direitos dos africanos e da democracia em África). E como uma pequena fábula sobre a descoberta do mundo, os miúdos que começam no "rap" descobrem o jazz e descobrem a ópera. A cultura e a arte, assim como o futebol, são de todos e para todos, talvez se possa resumir a moral profundamente democrática deste pequeno filme.

Luís Miguel Oliveira